

SOBRE PESQUISANDO OS RELACIONAMENTOS CLIENTE-TERAPEUTA: UM ESTUDO COLABORATIVO PARA INFORMAR A TERAPIA

Fui convidada pela editora associada da revista, Helena Maffei Cruz, para comentar o artigo *Pesquisando os relacionamentos cliente-terapeuta: um estudo colaborativo para informar a terapia*, de Tom Andersen, apresentado no número 09 da NPS, de 1996, e reeditado no número 71 de dezembro de 2021.

Como Tom Andersen foi um dos autores mais constantes nas leituras do meu início como terapeuta de família, me ocorreu escrever este comentário na forma de uma carta que enviaria ao autor. Um diálogo fictício que faço aqui.

Olá, Tom,

Que bom reencontrá-lo nesse texto.

Nos conhecemos em 1993, em Buenos Aires, no curso para docentes de Terapia Familiar, ministrado pela *Fundación Interfas*. Naquela época eu iniciava o meu percurso como docente do Instituto FAMILIAE e você era um dos professores convidados.

Anos depois nos reencontramos, primeiro no Rio de Janeiro, em um *workshop* oferecido pelo Instituto de Terapia Familiar-RJ, e por volta de 2000, em São Paulo, pude revê-lo em alguns eventos. Era sempre um aprendizado.

O seu trabalho foi, e continua sendo, uma referência na minha formação e na minha prática clínica como terapeuta de família, como docente e supervisora do Instituto FAMILIAE e como supervisora do Instituto NOOS. Aprendi com seus textos e nos encontros em que tive oportunidade e privilégio de ver você trabalhando presencialmente.

Aproveitei o que seu ensino trazia de novidade sobre equipe reflexiva, diálogos internos e a importância dos diálogos nas relações interpessoais. Para mim, vinda da psicanálise, havia ali algo precioso que acrescentava, complementando a minha formação anterior.

Nesse seu texto, de 1996, republicado em 2021, você traz afirmações que para mim permanecem atuais. Mas também tive dúvidas e inquietações que gostaria de comentar e sobre as quais gostaria de trocar ideias.

Logo no início, você fala da terapia como relação e não como método ou técnica, e também afirma que são os bons relacionamentos terapeuta-cliente que contribuem para um melhor resultado. Me identifico totalmente com isso. Nos meus anos de prática clínica como terapeuta e supervisora, tenho experienciado e observado com frequência a importância dos vínculos nas relações terapêuticas.

Em outro trecho do artigo, você escreve: “vejo uma pessoa constantemente mudando, criando e recriando significados” (Andersen, 2021/1996, p. 9) e “só podemos mudar a nós mesmos”. E reconheço isso em mim.

**CLÉLIA MARIA
MAGALHÃES MAIA**

*Instituto Noos,
São Paulo/SP, Brasil*

No artigo você relata que para a sua pesquisa vocês desenvolveram "um procedimento no qual terapeutas e clientes reuniam-se num período aproximado de seis meses a dois anos após o término de seu relacionamento terapêutico" (Andersen, 2021/1996, p. 8). Fiquei com uma questão: seis meses a dois anos depois é um outro momento na vida do cliente. E um outro momento na vida do terapeuta também. Imagino que essa pergunta não tem uma resposta. Isso tem a ver com cada relação, é singular.

Muito interessante as perguntas que você fez como o "terceiro incluído" (termo meu), já que o nome dado ao seu papel na pesquisa era "colega visitante". Mas foi um visitante bem atuante, não é mesmo?

Você conta que alguns terapeutas o criticaram alegando que você passou de "colega visitante para terapeuta". A meu ver, não é que você mudou: era um contexto terapêutico e você era um terapeuta! Estavam em novas conversas terapêuticas, construindo relações possíveis.

No texto, você relata ainda que havia momentos que sua forma de agir "era bem lenta e dirigia meus sentidos para ambos, clientes e terapeutas". Que difícil, Tom! Por mais que você tenha se preparado para ser o "visitante", vocês estavam em uma conversa ativa! Fico pensando que a gente sabe como começa uma conversa. Mas como ela vai prosseguir? Quais são os efeitos produzidos nessa recursividade de uns com outros? Quais foram os novos significados produzidos naquele encontro?

Esses significados estavam em linguagem, em ação, produzindo e criando efeitos mutuamente. O seu lugar de "visitante" atuante em um contexto terapêutico produziu novos enlaces, com novos significados. Não seria esperado que, assim, você pudesse provocar/instigar/disparar algum efeito terapêutico? Foi o que pensei e fico imaginando o que você pensaria sobre essa observação!

Quanto às perguntas que você elaborou para os terapeutas (na presença dos clientes), essas poderiam ser feitas em uma supervisão, sem a presença dos clientes? Pergunto isso principalmente porque alguns vieram dois anos depois de terminada a terapia de apenas duas sessões! Criou-se ali um outro contexto terapêutico? Difícil ter regras pré-definidas para uma nova relação e seus desdobramentos terapêuticos, não é mesmo? Fico curiosa em saber se você ainda manteria este formato.

Não lembro se você conheceu o funcionamento da clínica do Instituto FAMILIAE. Lá, como docente e supervisora, quando atendíamos em um formato quinzenal, por um semestre (somando um total de oito sessões), costumávamos combinar com os clientes um retorno em dois ou três meses, como parte do processo terapêutico. Era a "sessão de seguimento".

No início, o propósito era saber se aquele formato trazia para os pacientes um efeito terapêutico; se devíamos continuar com ele. Depois dessa primeira fase, pudemos confirmar que era possível atender dessa forma e essas sessões passaram a fazer parte do atendimento como um todo. Então acrescentamos um outro propósito: saber das mudanças advindas do trabalho terapêutico e ancorá-las com os clientes. Eram vivências ricas, que expandiam os efeitos de mudanças, tanto para clientes como para terapeutas. Quem participava dessas sessões era o mesmo grupo que compunha o sistema terapêutico: os dois terapeutas de campo e os três ou quatro terapeutas da equipe reflexiva, eu fazia parte dessa equipe e, após cada atendimento, atuava como supervisora.

Na pesquisa relatada chamou-me atenção o fato de se convocar os clientes para uma conversa, até dois anos depois do processo terapêutico, com um desconhecido para os clientes (você), por interesse (palavra minha) dos terapeutas em saber se o trabalho foi bom. Assim entendi. Me inquietou. Será que entendi certo?

Fiquei com perguntas, para conversar e trocar ideias sobre o artigo, como sempre instigada pelos seus textos e pela novidade e importância dos Processos Reflexivos.

Do que conheci de você e das vezes que o assisti trabalhando, atuando como terapeuta, professor ou consultor, sempre ficou algo a mais, que eu não conseguia explicar o que era. Uma relação invisível (como costume dizer) de bem-estar, paz e novidade. Era terapêutico para a terapeuta que mora em mim.

Você continua sendo uma inspiração para a minha clínica como terapeuta, como supervisora e como colega. E nas minhas relações pessoais. Meus encontros com você foram muito ricos. Saía sempre abastecida. E este texto despertou em mim a lembrança da sua presença na minha vida e essa vontade de voltar a conversarmos.

Obrigada Tom.

REFERÊNCIAS

Andersen, T. (2021). Pesquisando os relacionamentos cliente-terapeuta: um estudo colaborativo para informar a terapia. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 30 (71), pp. 7-15. (obra original publica em 1996). Acesso em: <https://doi.org/10.38034/nps.v30i71.659>

CLÉLIA MARIA MAGALHÃES MAIA

Psicóloga graduada pela PUC-SP, tem especialização em Psicoterapia Infantil, com Oswaldo Di Loretto (Grupo de Estudos em Psiquiatria, Psicologia e Psicoterapia da Infância – GEPPPI) e formação em Psicanálise, no Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo. Terapeuta de Família e Casal formada no FAMILIAE -Formação e Pesquisa em Terapia Sistêmica, de São Paulo. Supervisora na clínica do Instituto Noos-SP, desde 2016.

<http://orcid.org/0000-0003-0141-3619>

E-mail: cleliamaia@gmail.com